

EDUCAÇÃO E REDES SOCIAIS: PERSPECTIVAS DE JOVENS VÍTIMAS DA PORNOGRAFIA DE VINGANÇA

EDUCATION AND SOCIAL NETWORKS: PROSPECTS OF YOUNG VICTIMS OF REVENGE PORNOGRAPHY

Francisco Joel Magalhães da Costa¹, Bruna Germana Nunes Mota², José Rogério Santana³

RESUMO

Este artigo analisa a prática de pornografia de vingança e suas consequências na escola, um campo fecundo de subjetividades, portanto, um espaço de contradições, conflitos e opostos, possibilitando os crimes pornográficos. Soma-se a isso o acesso às redes sociais e à Internet, que potencializam tais ações. É certo que a Internet proporciona informações em tempo real e possibilita as mais diversas conexões de conhecimento, não obstante promove os crimes virtuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o uso do recurso da entrevista, na qual se pontua a história de duas jovens, vítimas da pornografia de vingança protagonizada por colegas de uma escola particular de Fortaleza, que usaram as redes sociais como meio de divulgação. Estas são usadas ultimamente por jovens para difundir conteúdos pornográficos e promover a pornografia de vingança. Os resultados mostram a incapacidade da escola no enfrentamento desses delitos, e confirmam que as consequências para as vítimas são drásticas, pois elas provocam a baixa estima, a exclusão social e o baixo rendimento escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ciberespaço. Crimes virtuais. Pornografia de vingança.

ABSTRACT

This article analyzes the practice of revenge pornography and its consequences at school, a fertile field of subjectivities, therefore, a space of contradictions, conflicts and opposites, enabling pornographic crimes. Added to this is access to social networks and the Internet, which potentiate such actions. It is true that the Internet provides information in real time and makes possible the most diverse connections of knowledge, although it promotes virtual crimes. This is a qualitative research, using the interview feature, in which the story of two young women, victims of revenge pornography carried out by colleagues from a private school in Fortaleza, who used social networks as a means of dissemination. These are lately used by young people to spread pornographic content and promote revenge pornography. The results show the school's inability to face these crimes, and confirm that the consequences for the victims are drastic, as they cause low esteem, social exclusion and poor school performance.

KEYWORDS: Education. Cyberspace. Virtual crimes. Revenge pornography.

INTRODUÇÃO

A escola é um campo fértil de subjetividades, por isso podemos considerá-la um espaço de contradições, conflitos e opostos. Nela, os sujeitos que a frequentam percebem verdades e mentiras, confiança e desconfiança, disciplina e indisciplina. Imaginemos este caldeirão cheio de pontos de vista e visões de mundo distintos no espaço digital, cujos veículos e aparelhos permitem aos sujeitos a sensação de liberdade e poder, quando se comunicam na *web*, através de mensagens e imagens com o mundo inteiro, independentemente das consequências de algumas postagens.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME) da UFC/CNPq.

² Doutora em Educação, Mestra em Educação e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora do Núcleo de História e Memória da Educação – Nhime/UFC.

³ Pós-doutor em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor associado I da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Participa do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC.

Nos últimos tempos, tornou-se comum os jovens se projetarem em circunstância inadequada nas redes sociais, muitas vezes protagonizando conteúdos pornográficos. Com a difusão das redes sociais, esse tipo de material tem sido propagado com facilidade assustadora. Virilio (1996) utiliza o termo dromologia para se referir ao estudo da velocidade na sociedade. Dromo para os gregos significa estádio de corrida, a lógica da corrida. E é exatamente dessa forma que acontece nas redes sociais, a divulgação de qualquer tipo de conteúdo acontece de forma acelerada e instantânea.

Os conteúdos sexuais aparecem cada vez na mídia e se colocam com outros assuntos, temas centrais da pós-modernidade. A difusão desses eventos e sua exploração pelo mundo virtual têm mudado a percepção de brasileiros e constituído diferentes opiniões na atual sociedade. O país é marcado pelo contraste e pelas diferentes maneiras de lidar com estas questões. Tudo isso marca a nossa cultura e sociedade.

O reconhecimento das diferenças e das diferentes maneiras de vivenciar a sexualidade é a luta do cotidiano, reconhecem Grillo, Garraffoni e Funari (2011). As manifestações contra as formas de violência, sejam físicas ou psicológicas; as denúncias das severas desigualdades sociais, as quais o país está submetido; e as formas de exclusão como discriminação étnica, de gênero e de minorias, são experiências que propagam conflitos, incertezas e novas formas de vida. Os autores exprimem a importância da reflexão acerca da violência sexual e sua manifestação na sociedade em que vivemos. Quanto à questão, Foucault (1996) propõe a reflexão acerca dos atos sexuais. Eles devem ser submetidos a um regime extremamente cauteloso. Mas esse regime é bem diferente daquilo que poderia ser um sistema prescritivo, que procurasse uma forma natural, legítima e aceitável das práticas.

Sob essa perspectiva, a pesquisa em questão aborda a discussão sobre a pornografia de vingança, na qual os adolescentes são expostos nas redes sociais, mais particularmente no WhatsApp. Este, é um aplicativo que consiste em uma plataforma de mensagens instantâneas, com a opção de mandar e receber vídeos, imagens e mensagens de áudio. Tal aplicativo permite que adolescentes protagonizem vídeos íntimos com conteúdo sexual explícito. Essas exposições acontecem quando meninas se permitem filmar nos momentos das relações sexuais com seus parceiros. Vídeos contendo esse tipo de conteúdo são divulgados por algum motivo pelos parceiros, geralmente por vingança, principalmente quando há uma quebra de relacionamento. A isso chamamos de pornografia de vingança.

A facilidade de tirar fotografias e o acesso à internet podem levar um grande número de adolescentes à prática da pornografia de vingança, produzindo uma verdadeira competição de acessos. É uma prática cada vez mais comum entre os jovens, tornando-se um fenômeno de preocupação pública, devido aos riscos de estímulo à pornografia infantil.

Percebe-se que adolescentes ao passarem por tal constrangimento precisam de acompanhamento psicológico, pois muitas delas não suportam a exclusão e a discriminação. Em alguns casos, o suicídio tem sido a única solução. Em outros casos, as garotas precisam passar por uma modificação na aparência, para retornar à rotina normal como trabalhar, estudar ou qualquer atividade que necessite sair de casa.

Casos como esses, relacionados com a pornografia de vingança (PV), são frequentemente explorados na mídia. Tais eventos que ocorrem em variados ambientes sociais, principalmente nas escolas, provocam grande embaraço entre a escola e a família, cuja situação exige uma análise e interpretação. Nessa perspectiva, esta pesquisa de cunho qualitativo tem como objetivo analisar a presença da pornografia de vingança e suas consequências para alunas-vítimas, numa escola particular de Fortaleza. Para isso, foi utilizado o recurso da entrevista com duas alunas-vítimas e com a coordenadora, como contraponto.

A PORNOGRAFIA DE REVANCHE E OUTROS CRIMES VIRTUAIS

A internet e seus ciberespaços são universos que propiciam às pessoas ampliarem o campo de comunicação e troca de informações. Segundo Pierre Lévy, o ciberespaço

[...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p.15).

O ciberespaço informa e facilita as atividades de qualquer usuário, mas é a mesma que difunde a violência, o machismo, a pornografia dentre outros crimes virtuais. Os usuários com acesso à internet têm autonomia para disseminar qualquer conteúdo, e nesse processo de propagação, um material específico tem sido divulgado nos aplicativos como o WhatsApp: as pornografias, através de fotos e/ou vídeos com forte apelo sexual. A disseminação de fotos pornográficas não se configura em crime, porém é considerado delito a divulgação de fotos que contenham pornografia infantil e material que não tenha sido autorizado pelo responsável.

Nesse meio delituoso, temos a pornografia de vingança (PV), que é caracterizada pela divulgação de fotos e vídeos íntimos sem a autorização devida dos parceiros ou parceiras. Esta prática acontece, geralmente, após o fim do relacionamento, quando uma das partes, habitualmente o parceiro, divulga as cenas íntimas na internet, com o sentimento de vingança da pessoa com quem se relacionou. A PV é considerada crime, porque fere a integridade moral e física da vítima. A pena varia de 03 meses a 01 ano, podendo ser revertida em ações comunitárias, contudo as penas são, ainda, brandas. A pessoa que se utiliza da mídia para expor alguém se apoia em dois aspectos: o uso de dispositivos móveis que dificultam a identificação do responsável; e a sensação de impunidade, pois a pena é leve e dificilmente leva o criminoso para a prisão.

Além da pornografia de vingança há outras situações delituosas afins, como a ameaça, a difamação e a discriminação. A intimidação por palavras via oral e/ou escrita, gesto ou qualquer meio simbólico que venha a causar algum mal injusto e/ou grave estão caracterizados no artigo 147 do código penal brasileiro como conduta de ameaça, passível de detenção de 01 a 06 meses ou multa. Esta prática consiste em escrever ou mostrar uma imagem que ameaça alguém de um futuro inconveniente, seja em tom de seriedade ou apenas uma piada ou brincadeira de mau gosto.

Nessa esteira, a difamação é um crime contra a honra. Esta infração está assegurada pelo artigo 139 do código penal. Ela consiste na divulgação de informações falsas que prejudiquem a reputação de outra pessoa, que ofendam a sua dignidade ou acusem-na de criminosa, desonesta ou perigosa. Para Salles e Silva (2008), a discriminação estar em publicar uma mensagem ou imagem preconceituosa alusiva à raça, cor, etnia, religião ou origem de uma pessoa. O preconceito é definido àquilo que é imputado ao indivíduo e adquire uma conotação depreciativa, isto é, os estigmas ou estereótipos.

A pedofilia é outra prática vista no mundo virtual. Ela é caracterizada pelo abuso sexual contra menores, “é retratada como sinônimo de pornografia infantil, possivelmente relacionada a outras práticas.” (LANDINI, 2003, p. 277). Os pedófilos virtuais estão habituados a usar a internet pela facilidade de encontrarem as suas vítimas. Nas salas de bate papo ou redes sociais eles adotam o perfil falso e usam uma linguagem atraente. Por isso, é importante não divulgar dados pessoais na internet como sobrenome, endereço, telefone, nome de escola e lugares que frequenta, pois eventualmente podem chegar às mãos de pessoas mal-intencionadas.

As redes sociais têm se tornado um terreno fértil para os crimes virtuais, que causam algum tipo de dano patrimonial ou moral ao ofendido. Estes crimes não estão previstos na legislação brasileira, para tanto houve uma necessidade de tipificar crimes desta ordem para punir os criminosos virtuais. Com a popularização da internet, milhares de pessoas passaram a fazer uso deste meio, mas o que se percebe é que nem todos a utilizam de maneira sensata, pois trata-se de um espaço livre, e muitos acabam excedendo na conduta, contribuindo para o surgimento de novas modalidades de crimes.

O fato é que, enquanto não houver leis específicas na repressão de crimes virtuais, não será possível uma atuação coercitiva e eficaz por parte do Estado na punição desses criminosos. O Brasil começou a se preocupar com os crimes virtuais nas últimas décadas e, com o aumento e a popularização da internet, o Estado se viu na necessidade de assegurar os direitos de quem é vítima de crimes cibernéticos. Assim, promulgaram na Constituição Federal de 1988, leis relativas às competências do Estado sobre os crimes informáticos.

Não existe um crime sem lei anterior que o defina. Esse é um dos princípios da Constituição Federal Brasileira. Como lidar então com as condutas criminosas na internet que não possuem uma legislação específica? Nesse contexto, a Lei 12.737/2012 tipifica alguns delitos ocorridos no ambiente cibernético como invasão de computadores, produção e disseminação de códigos maliciosos e a clonagem de cartões. Esta lei é conhecida popularmente como Lei Carolina Dieckmann e foi sancionada em 03 de dezembro de 2012, promovendo alterações no código penal brasileiro (decreto-lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940).

O Projeto de Lei que resultou na "Lei Carolina Dieckmann" foi proposto em referência à situação experimentada pela atriz, em maio de 2011, que supostamente teve copiadas de seu computador pessoal 36 (trinta e seis) fotos em situação íntima, que acabaram divulgadas na Internet. A penalidade básica prevê detenção de três meses a um ano e multa, porém alguns crimes não se enquadram especificamente nesta lei, por já estarem previstos na Constituição Federal, como por

exemplo os crimes de danos morais, falsa identidade, entre outros. Nesse caso, as vítimas devem tomar as seguintes providências: parar de usar o dispositivo que foi “invadido” para fins de provas, e no caso de vazamento de informações será necessário salvar ou registrar as telas como provas; fazer um boletim de ocorrência, no qual notifica-se a página que tem o conteúdo publicado, para que possa ser feito a remoção do material do ar; e por último, deve-se procurar auxílio de um advogado para ajuizar uma ação e solicitar indenização pelos danos causados.

A sociedade contemporânea vivencia as transformações de comportamento na sociedade, onde os meios de comunicação e a virtualização de informações encontrados nos ciberespaços proporcionam a cada um de nós viver num mundo global, no qual as distâncias estão sendo quebradas pela cibercultura. Esta mudança suscita considerarmos o papel do professor que, enquanto educador, deve estabelecer meios para explorar as práticas educativas digitais, no cotidiano das crianças e adolescentes, a fim de protegê-los e alertá-los das práticas criminosas na Internet.

Pornografia de vingança

Dos mais variados cibercrimes destacaremos o estudo da pornografia de vingança, sob a ótica de jovens vitimadas. Se analisarmos a etimologia da palavra pornografia podemos averiguar que o termo não é algo novo, ele vem do grego e seu sentido literal é "escrever sobre prostituta". Palavras derivadas da raiz *porn* foram usadas nos escritos do Novo Testamento, referindo-se à prática de relações sexuais ilícitas, imoralidade ou impureza sexual em geral. O construto impureza faz referência ao adultério, ao incesto, à prostituição, à fornicação, ao homossexualismo e lesbianismo.

Hoje podemos definir a pornografia como a representação da nudez e do comportamento sexual, que é feita através de imagens animadas em vídeos, fotografias, desenhos, textos escritos ou falados, explorando o sexo e vulgarizando principalmente as mulheres. Diante de algumas situações de exposição íntima é possível perceber que o machismo ainda se encontra muito presente na convivência social. É comum as mulheres serem apontadas e humilhadas quando assunto é sexo, o curioso é que a grande maioria de vídeos íntimos vazados na internet promovem um escândalo violento sobre a mulher.

É difícil entender o porquê dessas atitudes, afinal o homem também se faz protagonista nos vídeos íntimos. Mas a mulher, habitualmente, é a que sofre as consequências do fato. Para Maingueneau (2010), o consumo da pornografia liberta o sujeito de suas amarras morais. Se o homem tem o direito de se desprender da moral e buscar os princípios do prazer, a mulher também tem o direito de desfrutar do erotismo e da sedução. Acontece que a sociedade caracteriza esse discurso num pseudorrelato, no sentido de que, quando se inicia o ato sexual deve-se atingir a satisfação, numa explosão de sentimentos prazerosos, sem a culpabilização da moral, mas de fato não é isso que acontece, não para as mulheres. Para elas, a sociedade, infelizmente, é sexista e preconceituosa.

Todas as discussões tendem a abordar as mulheres como idênticas entre si e opostas entre os homens, devendo-se superar essas diferenças para se alcançar a igualdade de sexos. Dentro da visão iluminista para alcançar igualdade entre homens e mulheres não pode haver diferenças. Essa situação remete ao termo “pornografia de vingança”, que é usado para definir exatamente a situação em que essa exposição acontece. Vários casais filmam e fotografam momentos de intimidade sexual, mas quando há algum desentendimento ou quebra de relacionamento uma das partes usa o material íntimo para uma vingança, que na maioria das vezes é feita compartilhando o material na internet, na qual se espalha rapidamente, principalmente com a ajuda do WhatsApp.

Infelizmente a sociedade ainda convive com a cultura machista, a mulher que expressa seus desejos e vontades é vista como uma mulher que não merece respeito. É por esse motivo que muitos homens usam tal ato como pretexto para se vingarem, porque sabem que a mulher será humilhada e rejeitada pela sociedade, e poucos se dão conta de que ela é vítima.

História da pornografia

As tecnologias de impressão do século XVI aumentaram a produção de livros e gravuras obscenas, causando seu barateamento e, conseqüentemente, o aumento do público consumidor. Entretanto, para Leite Júnior (2006), a pornografia que visa a excitação sexual do público, como única motivação e um fim em si mesma, é um conceito recente datado do final do século XIX. Neste período, o obsceno está intimamente associado ao universo popular, à tecnologia e ao comércio, ou seja, a obscenidade na representação sexual aproveita o incremento da editoração para prosperar no mercado (legalizado ou não), gerador de lucros e possuidor de um público ávido em descobrir novos segredos, até então, violentamente, proibidos.

Baseado no contexto, a pornografia é um grande negócio, é um comércio lucrativo de materiais pornográficos, entre os quais o elemento mais vendido está a fotografia. Esta tinha um papel ilustrativo, servia para retratar realisticamente as pessoas dignas, de reis a chefes de famílias, pois elas eram inviáveis para quem não tinha uma boa condição econômica. Porém, com o avanço tecnológico, a fotografia acaba se popularizando.

Em 1888, a empresa americana Eastman Co. lança a Kodak, primeira máquina fotográfica a usar rolo flexível como filme, produzida para ser usada não somente por profissionais, mas por pessoas comuns. A partir daí, uma quantidade enorme de fotógrafos anônimos surge em toda a Europa e América, tornando o que já era uma atividade para as massas, também produzidos por elas.

Como acontece com todas as formas de representação da sexualidade e os meio técnicos que elas dispõe no momento, a fotografia pornográfica nasceu provavelmente na década de 40, em Paris. Acompanhando a tradição dos “nus artísticos” da pintura, essas fotos mostravam mulheres nuas em posições iguais aos dos quadros antigos. A nudez completa não é regra, a maior parte de fotografias mostra as mulheres de saias levantadas, roupas íntimas entreabertas, espartilhos e saltos altos. Como a visão de cultura em nossa sociedade é centrada na posição masculina e

heteronormativa, grande parte da produção obscena passa por este crivo. A pornografia com raríssima exceção foi, e ainda é, em larga escala, produzida por e para homens heterossexuais.

RESULTADOS E DICUSSÃO

Esta seção apresenta as entrevistas das jovens que passaram pela experiência de exposição nas redes sociais, mais especificamente no aplicativo WhatsApp. Nesse caso, entendemos que este recurso metodológico ocasiona a aproximação necessária para conseguirmos e registrarmos aquilo que queremos saber. (XAVIER, FIALHO e VASCONCELOS, 2018). Pois a entrevista, de acordo com Gil (2014), é uma forma de interação social, ela é um diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O lócus das gravações foi na escola onde as meninas estudam, cenário da exposição. As entrevistas aconteciam normalmente às quintas-feiras pela manhã, antes das aulas começarem, o horário foi escolhido de acordo com a preferência das jovens. As quais, antes do início da pesquisa foram comunicadas que fariam parte de uma análise e observação, por isso houve a necessidade de um termo de consentimento para fazerem parte da pesquisa. O termo foi assinado pelos pais, concedendo ao pesquisador a utilização de informações, como fonte de história oral.

Antes das entrevistas houve a necessidade de uma conversa, para que as jovens ficassem mais à vontade, pois o fato das conversas serem gravadas as incomodaram um pouco. Contudo, durante a entrevista, elas conseguiram desenvolver a construção dos fatos sem dificuldades. As entrevistas tiveram o seu início no dia 25 de março de 2014, com a participação das duas jovens, que cursam o ensino médio numa escola particular de Fortaleza. Ambas tiveram fotos íntimas publicadas na internet sem autorização das mesmas. As jovens Marisa e Ingrid, com idade de dezesseis e quatorze anos, protagonizaram um dos maiores episódios de exposição do corpo no ambiente escolar. Vale confirmar que os nomes Marisa e Ingrid e todos os outros nomes usados na pesquisa são fictícios.

O relato das vítimas de pornografia de vingança

Na primeira entrevista com as meninas, procuramos entender os motivos que as levaram a enviar as fotos a um garoto da escola. Iniciada a seção de entrevistas, perguntamos como tudo aconteceu, Marisa responde sem delongas e com bastante segurança na fala.

Eu conheci o Simon, nós éramos amigos, ele era namorado de uma amiga minha e eles terminaram e tentei fazer com que eles voltassem, mas não voltaram, e uma certa vez estávamos conversando e a gente acabou dizendo que se gostava. Os amigos dele não eram a favor, eles gostavam da outra (ex-namorada de Simon) e aí a gente ficou no cinema com pipoca, que teve na escola. Sendo que depois, eu me distanciei um pouco dele porque eu disse que os amigos dele não estavam gostando nenhum pouco e disse que ia me afastar dele, aí me afastei, e nisso a gente ficava se afastando e voltando, nesse negócio, o Severiano, que é um amigo dele, chegou para mim e disse que se eu não mandasse a foto, eu nunca mais nem encostava o dedo nele.

Marisa relata que tudo começou com um término de namoro entre o seu melhor amigo Simon e a namorada. Depois do rompimento, a jovem se aproximou do garoto e os amigos dele não ficaram satisfeitos com essa aproximação, e um deles chamado Severiano, pediu uma foto da adolescente seminua, alegando que se ela não enviasse a foto pelo WhatsApp, os amigos iriam atrapalhar o romance entre os dois. Marisa afirma que se deixou ser chantageada por Severiano para não perder o contato com Simon.

Três meses depois do envio da foto, ela foi divulgada para todos os colegas do colégio, e sobre o assunto Ingrid relatou como tudo aconteceu, mas com um certo receio e omissão de fatos. A garota se mostrou um pouco retraída e falava pouco, mas contou como tinha se envolvido na situação. Ingrid assim como Marisa gostava do mesmo garoto.

Foi quase do mesmo jeito, eu gostava do menino, o Simon, que é o mesmo menino que a Marisa gostava. O Severiano, o amigo dele, também me pediu as fotos, eu também fui enrolando, enrolando. Eu mandei a foto para ele, apenas de short. Foi no mesmo mês, só muda a semana em que minha foto e da Marisa foram divulgadas. E foi assim que aconteceu, ele disse que ia apagar as fotos, mas não apagou e mandou para o colégio “todinho”, mas ele assumiu a culpa toda. (Ingrid).

Severiano novamente aparece envolvido em outra situação, na qual pediu uma foto à Ingrid, na condição semelhante à Marisa, seminua. Ingrid achou pouco conveniente, mas enviou, porque o Severiano também fez chantagem, alegando que o Simon iria se afastar dela.

Procuramos entender como as fotos foram divulgadas, quem foi o culpado ou culpados, e Marisa responde:

Toda a história aconteceu no mês de maio de 2013, através do menino que mexeu no celular do Severiano, somente ele continha as fotos, que se eu não me enganar foi o Guilherme, que estudava aqui e não estuda mais, ele passou a foto para o celular dele e para o Matheus Santos que por maldade passou para todos da escola.

Nesse contexto, foi criado um grupo no WhatsApp chamado de “putaria eterna”, no qual as fotos foram divulgadas. O grupo tinha como característica o repúdio e a humilhação a jovens expostas na *web*, cuja exposição as tornavam excluídas, pois não seriam bem vistas por outras garotas e, tão pouco, pelos rapazes.

Perguntadas se faziam parte do grupo, Marisa responde: “Eu nem tinha WhatsApp nessa época”. E você Ingrid fez parte do grupo? Se sim, viu fotos suas e de outras colegas?

Eu fiz parte, mas me tiraram, eu entrei e dez minutos depois eu saí. Não vi nada meu e nem dela (Marisa), vi de outras meninas. Eram meninas que estudavam aqui, mas saíram, só uma menina que permaneceu, a foto dela foi divulgada pelo namorado, ele era o “topzinho” daqui do colégio e ninguém falou nada e até hoje ela age naturalmente.

Levantamos a hipótese sobre o que teria acontecido se as jovens não tivessem mandado as fotos. Ingrid comenta: “Com certeza se não tivéssemos mandado, o Simon romperia com a gente,

porque ele faz tudo que o Severiano quer. Ele parece não ter personalidade, o Severiano dizia o que ele tinha que fazer.”

Sobre as consequências da divulgação das fotos, a Marisa comenta:

O pessoal olhou estranho, mas ninguém ficou comentando, ninguém chegou pra gente e esculhambar, chegaram no meu ASK¹ na época que o pessoal tinha. Me xingavam de tudo que é nome, sendo que eu não respondi, mas chegar para mim e falar alguma coisa ruim de mim, ah você é tal coisa ninguém chegou. Até hoje, quando a gente passa, o povo olha estranho. Algumas pessoas têm receio de chegar perto e já perdi amigos esse ano, por causa disso.

Quanto à Ingrid, ainda sente as pessoas falando sobre ela e vê colegas com receio de se aproximar: “Vi muitas pessoas se afastarem da gente, é muito ruim, amigos que eu achava que eram meus amigos, não deram nenhum apoio, apenas se afastaram”. Marisa também completa: “Já perdi um amigo esse ano, os novatos chegaram, eu virei amiga de um. Eu era muita amiga do carinha, mas ele se afastou quando soube das fotos. Ele se afastou do nada, a gente era muito amigo mesmo.”

De acordo com Almeida (2020), “os atravessamentos da temática da violência sexual, tanto de ordem subjetiva quanto objetiva, possibilitam a instauração de um mal-estar no ambiente da escola.” Nesse sentido, procuramos entender o que as jovens sentiram no momento em que souberam das imagens circulando na escola. Ingrid desabafa: “Quando soubemos, a gente correu para o banheiro para chorar lá, eu fiquei no chão, as duas no chão. Marisa complementa: “Quando Ingrid me falou, eu caí no chão, eu não aguentei, fiquei sem acreditar, porque a gente acha que isso vai acontecer com todo mundo, menos com a gente.”

Perguntamos quem foi a figura mais importante na vida delas, depois da exposição das fotos e quem deu apoio, uma vez que elas não podiam contar com a família, por não saberem do ocorrido. Elas responderam que buscaram apoio uma na outra, embora não fossem amigas, mas aquele fato fez com que as meninas se unissem para enfrentar a situação. As adolescentes acrescentaram que todos que se diziam amigos delas se afastaram. Sentiram a evidência da exclusão, pois das meninas que passaram por esse constrangimento, quatro adolescentes, duas resolveram sair da escola, não aguentaram a discriminação, os comentários, a vergonha e o descontentamento de terem sido expostas.

Procuramos entender se houve intenção de sair da escola. Marisa responde:

Eu cheguei a pensar, só que se eu sáísse era a mesma coisa de dizer, ah ela é fraca, ela não é capaz de vir aqui levantar a cabeça e seguir em frente. Porque seria muito ruim se a gente fosse pra outra escola, porque sabemos que não seremos incluídas em nenhum grupo por causa disso e também porque as pessoas te olham com um olhar de julgamento, ou então olha e se vira (Marisa).

Ingrid também pensou como Marisa e declara que não saiu por causa da amiga. “Eu pensei em sair, só não sai por causa dela, não, não sai não, porque se tu sair você está sendo besta, tu vai

¹ Ask é uma rede social da Letônia, que permite aos usuários o recebimento de perguntas de quaisquer pessoas que têm cadastro ou não.

tá se rebaixando a eles”. Marisa e Ingrid pensaram em sair da escola, pois a situação estava destruindo a vida social delas, mas perceberam que não deviam fugir do problema e resolveram encarar todos que as humilharam. A solução de situações agressivas escolares não deve ficar por conta somente dos alunos, de acordo com Dutra, Silva e Vitalle (2020), a escola deve trabalhar a convivência, enfatizar as relações interpessoais e a mediação de conflitos, pois uma de suas tarefas educacionais é a construção da possibilidade de conviver e viver em conjunto.

Quase um ano depois, elas ainda sofrem com olhares maliciosos e recriminatórios. Hoje elas tentam lidar melhor com essa situação, mas no início garantem que foi muito difícil. Quanto a isso, Marisa comenta:

Assim, eu fui forte, apesar de eu não ser muito forte, mas procurei não demonstrar que eu estava me importando muito com isso, mas quando eu chegava em casa a ficha caía, muitas vezes passei dia e noite chorando por causa disso. É uma sensação horrível ver você sendo divulgada, para todo mundo ver o teu corpo.

Durante algumas conversas não gravadas, Marisa chegou a relatar que muitas pessoas criticaram o corpo e os seios dela, por terem formas arredondadas, uma situação que foi motivo de brincadeiras e piadas.

Perguntamos qual foi a postura da escola diante o acontecido. Elas informaram que a diretora procurou conversar, mas na realidade deu um sermão nas meninas. A gestora demonstrou em suas atitudes acreditar que as garotas eram culpadas e não vítimas. Lembrando que ninguém foi punido pelo ato, embora soubessem quem foi o responsável.

A diretora da escola chegou dizendo que foi a gente que tinha espalhado a foto para o colégio inteiro. E dissemos que não foi bem assim, que a gente tinha mandado para o Severiano, mas ele foi logo se saindo, a culpa não é minha e o Matheus Santos também, mas depois que eles saíram, ela começou a falar bem sério, aí o Severiano realmente assume a culpa. (Marisa).

Marisa confessou que chorava muito, mas não por causa da foto e sim por causa dos avós. A jovem afirma que os avós mantêm uma postura conservadora, e que na época do acontecido, o seu avô estava internado no hospital. Por esse motivo a escola optou por não informar aos pais das jovens, Ingrid e Marisa, que são criadas desde a infância pelos avós. Marisa argumenta com a seguinte fala:

Se tivesse avisado à minha família, hoje minha vida seria totalmente diferente agora. Porque primeiro, meus pais me tirariam da escola, eles ficariam muito decepcionados comigo, minha família toda na verdade, fora que minha avó é doente, se ela soubesse disso, eu moro com ela, ela é muito apegada a mim, era capaz dela sentir algo muito ruim e meu avô estava no hospital na época, chegando a falecer em outubro.

A diretora exigiu que todos os alunos que tivessem as fotos das meninas no celular, as excluíssem, caso contrário seriam suspensos, mas as adolescentes contam que ninguém foi punido e até hoje as fotos delas circulam de celular para celular.

Muita gente apagou, mas algumas pessoas com certeza têm, por que a diretora teve um momento que, quem tivesse a foto ela ia suspender ou expulsar do colégio, e na verdade ela não fez isso, só falou da boca para fora. Foi só no momento para tentar acalmar a gente. Ela podia ter ido de sala em sala pedir pra excluir a foto, mas nem isso, não puniu o menino que fez isso, como se toda culpa tivesse sido só da gente mesmo. Foi assim que ela olhou para gente. Nada e ninguém era mais culpado que a gente. (Marisa).

Tentamos compreender a posição da escola diante do ocorrido, se alguém conversou com elas. Marisa responde: “Conversar não, ela deu sermão, só isso. Ela não deu nenhum tipo de apoio e nem orientou a um psicólogo.”

Sobre as fotos, pedimos que as jovens descrevessem como elas estavam nas fotos que enviaram. “Eu lembro que estava só de calcinha.” (Marisa). “Eu estava só de short.” (Ingrid).

Entre umas e outras conversas informais, Ingrid conta uma novidade que não agradou Marisa, ela diz que Severiano (o garoto que expôs as fotos) estaria de volta à escola no ano seguinte. Conta também que ficou conhecida, após a divulgação das fotos íntimas, como “aquela que teve as fotos divulgadas”. Ela conta que ficou muito chateada por ser lembrada desta forma, e que havia outras formas de ser apresentada, esse tipo estereótipo é agressivo e se é algo que a incomoda, é melhor que seja evitado.

Após a fala da Ingrid, começamos a entender que a culpa não foi só do aluno Severiano, como pensávamos. “Nem toda a culpa é dele, mas a gente pediu para ele apagar, mas não, manteve a foto no celular dele como se fosse uma foto normal dele.” (Marisa). Mas será que ele não divulgou a foto no grupo do putaria eterna? “Não, ele nem estava no grupo. Porque, quando isso aconteceu e a Rita (a diretora) veio falar com a gente, ele meio que apoiou a gente, ligou para gente falando que ele ia mandar apagar todas as fotos, que a gente não se preocupasse que ele ia resolver tudo isso.” (Ingrid).

Marisa complementa, “Sendo que eu odeio ele, não acredito nas coisas que ele fala”. Você passou a odiá-lo depois que ele pediu as fotos? “Antes, nunca gostei dele. Eu passava por ele eu tinha vontade de...Ela não termina”. Mas porque vocês passaram as fotos para ele? “Por causa do Simon, que era capacho do Severiano.”

Ingrid completa, “Se o Severiano dissesse: Você não pode olhar para o lado, o Simon não olhava”. Vocês realmente acreditaram que isso era possível de acontecer? “Isso realmente ia acontecer. Acho que o Simon não teve culpa, porque ele pediu pra gente não mandar as fotos.”

As jovens relatam que Severiano, o garoto responsável por pedir as imagens seminuas, entrou em contato com a Marisa pedindo para que não faça nada, pois tudo iria se resolver, tal atitude do jovem era passar uma falsa impressão de que não foi o culpado pelo constrangimento causado à Marisa e Ingrid. Elas contam como receberam a notícia da circulação das fotos nos celulares dos colegas de escola.

No dia que soubemos, estávamos no banheiro com muita gente no banheiro, todo mundo chorando, mas ninguém dizia o porquê. Aí o Severiano pega e manda mensagem para o telefone da Marisa, porque ele não tinha o meu. Marisa não faz nada, fica quieta que eu vou resolver isso. Aí Marisa pega e liga para ele, quem atente é o Simon. Ele diz, Marisa fica calma que eu vou resolver isso. E depois vai

ser como se nada tivesse acontecido. Quanto mais ele mandava a gente se acalmar mais a situação piorava (Ingrid).

Marisa também expõe o seu sentimento: “A gente se olhava e começava a chorar, por que todo mundo já sabia, passavam pela gente, olhavam e saíam.”

Pela maneira que as jovens relataram o acontecido, percebeu-se que Ingrid conseguiu lidar melhor com a situação do que Marisa, esta pareceu ser mais emocional e a Ingrid mais racional. Toda vez que a Marisa relembra o assunto, era possível notar um pesar na sua fala, como se guardasse uma imensa tristeza ou uma ferida não cicatrizada.

Depois de um ano de divulgação das fotos sodamos se o assunto ainda as incomodavam. “A mim ainda incomoda muito, acordo todo dia e me lembro disso e antes de dormir também, é um peso que vou levar para o resto da vida. É um sentimento de mágoa, as pessoas me olhando de mau jeito, a maneira que elas reagem quando sabem disso ainda.” (Marisa). Mesmo depois de um ano vocês ainda recebem críticas? “Não, crítica não, não diretamente, as pessoas não têm coragem de dizer na cara, falam “nas costas” e a gente percebe.”

Que experiências vocês tiram após o ocorrido das fotos?

Eu amadureci completamente, me tornei outra pessoa bem diferente do passado. Eu chorava por tudo. Hoje em dia não, hoje sou bem mais forte que antes, aprendi a lidar com os comentários das pessoas, com o sofrimento, aprendi a não me incomodar tanto. Claro que ainda fere e machuca, é uma ferida que está aberta. Mas aprendi a me defender (Marisa).

Ambas demonstram muito arrependimento e garantem que jamais fariam isso novamente, não importa quem seja, garoto nenhum merece o constrangimento que elas passaram e passam até hoje. Ingrid e Marisa complementam com as seguintes frases: “Essas fotos acabaram com a minha vida”. (Ingrid). “Com a nossa vida. Porque quando vou conhecer alguém eu fico com receio muito grande de alguém saber. Eu não consigo me relacionar com ninguém aqui de Fortaleza. Tenho medo de algum garoto saber e querer só me usar. É tipo uma privação, que não dá.” (Marisa).

Como vocês se sentem quando algo do tipo acontece com uma outra jovem? Marisa responde: “Quando alguém posta foto de alguma menina nua no grupo, eu faço um texto enorme defendendo a pessoa. Tenho uma posição totalmente diferente do que eu tinha antes. Porque, quando a gente vê o que está por trás, o motivo real, eu procuro entender, até porque passei por isso.”

Vocês disseram que as pessoas da época se afastaram de vocês, essas mesmas pessoas ainda continuam afastadas? Como está o relacionamento de vocês com o colégio e com os demais? “Alguns se afastaram completamente, tem gente que tem receio de falar com a gente, de conversar, mas os meus amigos de verdade continuam do mesmo jeito, do meu lado. Sem tocar no assunto, entendeu?” (Marisa).

Qual é o sentimento em acordar de manhã e vir para escola, sabendo que todos sabiam das fotos divulgadas? “Eu sentia muita vergonha. Se eu pudesse entrar na escola para ninguém me ver, eu ia amar, porque eu entrava de cabeça baixa, na sala eu escolhia o lugar mais isolado. Eu demorei

umas duas semanas para entrar de cabeça erguida.” (Marisa). “Eu também sentia muita vergonha. Mas não entrava de cabeça baixa, não tinha ninguém que me fizesse entrar de cabeça baixa.” (Ingrid).

Sobre a relação delas com os amigos, as jovens preferiram se afastar, disseram ter tido muita vergonha para enfrentar os amigos, mas que nenhum deles as criticaram, apenas tentaram entender os motivos que as levaram a enviar as fotos.

O que vocês mudariam na vida de vocês hoje? Marisa responde e Ingrid complementa: “Hoje, eu acho que nada, porque me tornei outra pessoa, pelo que eu era, eu precisava mudar, tudo acontece para um bem maior, e isso aconteceu para me tornar a pessoa que sou hoje”. “Hoje eu sou uma pessoa muito fria, até com a minha família e adquiri maturidade, hoje penso totalmente diferente de antes.”

Algumas questões relacionadas à exposição foram esclarecidas, soubemos quem foram os envolvidos, como tudo aconteceu, os motivos que levaram as jovens a mandar as fotos, tivemos acesso aos relatos sobre a discriminação e como elas se sentiram diante a situação e a total falta de apoio da escola.

Para confrontarmos as realidades não pudemos deixar de ouvir o contraponto da história. Para isso, realizamos uma curta entrevista com a auxiliar de coordenação, que chamaremos de Lucíola, estudante de pedagogia e funcionária da escola há mais de cinco anos.

Na ocasião, iniciamos com a pergunta: Lucíola, você ficou sabendo sobre a divulgação das fotos da Marisa e da Ingrid? “Sim, fiquei sabendo através dos alunos que passaram para alguns professores, que conseguiram as fotos e trouxeram para a coordenação”. Que explicação as meninas deram sobre as fotos? “Elas disseram que foi um menino que a Marisa gostava, elas mandaram as fotos para ele, que ficou chantageando as meninas, na verdade, o colega desse menino.”

Em seguida, perguntamos à Lucíola: qual a foi a posição da escola? “O coordenador na época chamou as meninas para conversar, mas não chegou a entrar em contato com os pais, mas conversou muito com elas”. E o rendimento escolar das meninas ficou comprometido por causa desse episódio? “Marisa caiu muito, depois disso ela caiu muito. A Ingrid não, sempre foi fraquinha, mas a Marisa teve uma queda considerável. Ela é uma excelente aluna, mas esse ano ela vai ficar de recuperação e no ano passado ela também ficou.”

Qual foi a intervenção da diretora da escola? “Eu sei que ela chamou as meninas para conversar”. E os professores tiveram a preocupação em avisar a coordenação? “Alguns professores chegaram sim, avisaram o que estava acontecendo, inclusive professores que não eram delas. Porque foi um aluno de terceiro ano que passou para o professor deles e esse mesmo professor trouxe o caso até nós”. De modo geral, você acha que as escolas estão preparadas para lidar com a tal situação? “Tem que estar, esse é o mundo que nós vivemos”. Em algum momento teve uma orientação sobre a utilização correta das redes sociais, os riscos que ela pode oferecer? “Diretamente acho que não. Mas alguns professores conversaram, a psicóloga também conversou”.

As respostas das alunas e da coordenadora mostraram a importância da formação e da aquisição de novas habilidades, atitudes e valores para alunos e profissionais da educação, na

convivência escolar e social, em um permanente processo de transformação. Nesse processo, surgiu uma nova terminologia a chamada sociedade da informação, cuja preocupação vai de encontro ao amplo uso de tecnologias digitais interativas na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como perspectiva compreender a história de jovens que sofrem com a exposição do corpo ou propriamente dita, a pornografia de vingança. Durante a pesquisa constatou-se um número bem significativo de jovens que passam por esses constrangimentos, e a dificuldade em manter contato com estas vítimas, pois em alguns casos, as adolescentes não se sentem à vontade de falar sobre o assunto.

Muitas vezes, esse tipo de ação causa trauma, vergonha e uma indisposição social. Em uma das tentativas, chegamos a uma jovem de dezesseis anos que teve um vídeo divulgado pelo parceiro, quando tocamos na questão, ela rapidamente disse que não queria falar sobre o assunto. A jovem muito abalada emocionalmente não se disponibilizou a fazer parte da pesquisa.

Chegamos então às jovens Ingrid e Marisa, adolescentes de quatorze e dezesseis anos respectivamente. Propusemos um estudo com elas, no qual falaríamos todas as suas experiências vividas enquanto vítimas de pornografia de vingança. As adolescentes aceitaram e assinaram um termo que assegurava a participação delas na pesquisa, os responsáveis também assinaram o termo.

Foram oito meses de entrevistas em que as jovens nos deixaram a par de como tudo aconteceu, o porquê das fotos, quem as divulgou, a reação dos colegas ao saberem das fotos e qual a posição da escola. Dessa forma, os relatos foram importantes para o desencadeamento de algumas discussões. Segundo as adolescentes, grande parte dos amigos se distanciaram, colaborando para um isolamento e uma introspecção. Alguns professores tiveram a mesma atitude que os demais adolescentes e se afastaram também, ao invés de dar apoio ou pelo menos procurar entender os fatos, mas preferiram se afastar das jovens.

É importante destacar que as fotos das garotas foram bastante criticadas pelos colegas, como por exemplo a gozação do corpo de uma delas, por ter formas arredondadas. Essas fotos circularam durante um mês e divulgadas em vários grupos de pornografia. A escola soube imediatamente do ocorrido, mas, segundo as jovens, nenhuma posição foi tomada em prol delas, ninguém foi punido e nada foi feito para que elas pudessem se sentir menos criticadas e humilhadas. Segundo elas, a única decisão positiva da escola foi não informar aos responsáveis, pois ambas são de responsabilidade de avós, pessoas idosas e tradicionais, de acordo com os relatos delas.

Ouviu-se também a coordenação da escola, onde nos deparamos com algumas contradições. Lembrando que a pesquisa não tem a intenção de questionar a posição da escola, mas, diante dos fatos, a auxiliar de coordenação da escola disse que as jovens tiveram total apoio, que tentaram ampará-las e repudiavam qualquer atitude discriminatória. Também relatou que as jovens tiveram acompanhamento da psicóloga da escola, uma afirmação que as jovens não

confirmaram. De fato, assumiu que não houve punição aos envolvidos, fato que incomoda as jovens, por elas os garotos deveriam ter sido expulsos.

Durante a pesquisa, percebermos que os alunos conheciam a prática de exposição, mas não estavam familiarizados com o termo pornografia de vingança. Muitos deles relataram fatos parecidos com algum conhecido, e outros que conhecem alguém que tenha passado por isso, também já receberam algum conteúdo pornográfico caracterizado como pornografia de vingança.

Essa quantidade de alunos que recebem os mais diversos materiais de pornografia, se dá pelo acesso em pelo menos duas redes sociais. Entre elas está o facebook e o WhatsApp, que constam setenta e dois por cento (72%) dos alunos.

Segundo a representante direto da direção da escola, contatou-se que nunca tiveram nenhum caso ou algo parecido na escola, mas sempre propuseram a articulação da escola com a família, deixando claro a importância da participação de familiares na construção e na formação dos filhos. Ela garante que os alunos sempre são ouvidos e amparados em qualquer situação.

Diante dos relatos, vimos que a prática da pornografia de vingança nos campos sociais e principalmente nas escolas, traz grandes consequências para as vítimas, como a baixa estima, a exclusão social, o baixo rendimento escolar, entre outras, e mostra como as escolas estão despreparadas para lidar com a prática da pornografia de vingança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiano Rodineli de. O sussurro como linguagem da denúncia de violência sexual: uma pesquisa com educadores de creche. *Revista Educação*, v. 15, n. 3, 2020.

DUTRA, Leanna Silva Meirelles; SILVA, Dalva Alves; VITALE, Maria Sylvia de Souza. Bullying: as leis como um auxiliar no enfrentamento do fenômeno na escola. *Revista Educação*, v. 15, n. 1, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GRILLO, José Geraldo Costa; GARRAFFONI, Renata Senna; FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Orgs.). *Sexo e Violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2011.

LANDINI, Tatiana Savoia. Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (suppl.2), 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000800009>
Acesso em: 01 de fev. 2022.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios Sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: Algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 30, p. 149–166, Jan./jun. 2008.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade 1996.



XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018.

